

O FENÓMENO YOUNG ADULT DO MOMENTO

REBECCA ROSS



PROMESSAS CRUÉIS

SECRET
SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Guerra

Luto

Morte e perda

Tortura

Trauma

Violência

*Dedicado àqueles que procuraram novos mundos
para lá da porta de um roupeiro, aos que escreveram
cartas que continuam sem resposta, ou àqueles
que sonham com histórias e sangram palavras.*



ÍNDICE

Prólogo: Enva 15

PARTE UM *A Magia Ainda Acontece*



1 Um Encontro Sinistro	21
2 Palavras Que Enfeitiçam	37
3 Todas as Histórias Têm Dois Lados	43
4 Seda de Aranha e Gelo	57
5 A Primeira Alouette.....	71
6 Preferimos Usar os Nomes do Meio	79
7 Todas as Cartas Perdidas	91
8 O Nome de Um Caracol de Estimação	101
9 O Estafeta e o Roadster.....	109
10 A Lavandaria das Almas Antigas	121
11 R.....	129

PARTE DOIS *A Atração da Chama*

12 Um Rouxinol Cativo	139
13 Já Viste Pior do Que Isto	149
14 Fome	159
15 As Teclas «E» e «R»	169
16 Nove Vidas.....	177
17 Queima as Minhas Palavras.....	187
18 Nada Mais do Que Névoa e Recordação	191
19 Uma Brigadeiro Feita de Estrelas	197
20 Uma Casa Que Sabe Aquilo de Que Precisas	209
21 Cara a Cara com Um Sonho	217
22 Desfeito em Fumo	223
23 Corações Incandescentes	229
24 O Que Aconteceu Verdadeiramente em Bluff e Mais Além	239

PARTE TRÊS *Asas Numa Gaiola*

25 Superar Mais Uma Vez.....	247
26 Fala-Me da Iris E. Winnow.....	257



27 Deuses nas Sepulturas	263
28 Quando se Perde o Cheiro do Lar.....	269
29 Sinais do Quinto Andar.....	277
30 Não Te Iludas com Esta Liberdade	285
31 A Gravidade num Mundo Diferente.....	297
32 Estática na Linha.....	307
33 Leite e Mel	315
34 23h12	327
35 Nunca me Esqueças.....	335
36 Hóspedes Permanentes.....	347
37 Os Fios Escondidos.....	357
38 Apenas por Convite.....	369
39 Prateado no Verde.....	377

PARTE QUATRO *Um Crescendo Para Sonhos*

40 Vir à Tona Respirar	389
41 Conversas com a Divindade.....	403
42 Entrego-Te as Minhas Mãos	417
43 Cortesia sa Iris Inkridden	431
44 Ferro e Sal.....	441
45 Cem Vezes, Mil Vezes	449
46 A Tua Alma Jurada à Minha.....	463
47 Onde Todos os Traidores Pousam a Cabeça	475
48 Um Portal Que Já Atravessaste.....	477
49 O Peso de 50 Asas.....	491
50 Uma Canção de Embalar Para Amantes Condenados	497
51 Ícore Derramado.....	511
52 O Que Podia Ter Sido	525
53 Um Tribune Que Sangra.....	535
54 Querida Iris.....	541
55 A Última Palavra.....	547
Epílogo: Coda	553
Agradecimentos.....	557



*Passando os prados cercanos, mais além do riacho calmo,
Vencida a encosta,
Foi enterrar-se nas profundezas do vale ulterior:
Uma visão, ou um devaneio?
A música suspensa: durmo ou estou desperto?*

JOHN KEATS, *ODE TO A NIGHTINGALE*





{ PRÓLOGO }

ENVA

Ela nunca teve a menor dúvida, mesmo depois de todos estes anos mortais poeirentos, que Dacre haveria um dia de vir atrás dela. Enva sabia que a sua música não o manteria no túmulo para sempre. Por muito que tivesse sacrificado para o entoar, o feitiço que o mantinha cativo haveria um dia de perder o seu poder.

Tinha entoado a canção de embalar durante um ano. A primavera dera lugar ao verão, com as suas tempestades plúmbeas a tornarem o mundo verde e ameno; o verão cedera passagem ao outono e às suas árvores umbrosas e douradas, ao limo que cobria com o seu manto as ervas moribundas; o inverno sucedera ao outono, com as montanhas a ganharem presas de gelo e o ar frígido ao ponto de se tornar quebradiço. Até ter chegado novamente a primavera.

Foi o que bastou para manter o seu antigo amante coberto de lama durante séculos — pelas contas mortais — e para tranquilizar o rei humano da altura. Quanto às outras três divindades, Alva, Mir e Luz, Enva nunca se preocupara com o seu despertar.



Mas não há bem que sempre dure. E todas as canções têm um verso final.

Dacre haveria de acordar, e ela estaria à sua espera.

Enva cerrou os seus longos dedos num punho e sentiu a dor nos nas articulações inchadas. Sabia que o seu feitiço acabaria por perder o efeito, mas o que ela *não* tinha previsto era o custo de engolir tanto poder.

Momentaneamente perdida no passado, Enva permaneceu a coberto de uma sombra na Broad Street, observando as pessoas afadigadas nos seus deveres, alheias à sua presença. Mas estava habituada a ser ignorada, como era sua intenção. Conseguia fundir-se numa multidão de mortais como se tivesse nascido entre eles, com a mesma carne condenada a sangrar e a apodrecer, o mesmo espírito semelhante à chama de uma vela, trémula e incandescente. Brilhante na escuridão.

Aguardou alguns instantes até o sol se pôr. Só então deu um passo em frente para o crepúsculo e atravessou a rua, com os olhos postos num café específico. Tinha quase a certeza de que já havia ali estado, há muito, muito tempo. Antes de esta cidade se ter erguido de um emaranhado de pedras da calçada; antes de os edifícios ganharem forma com os seus esqueletos de aço altaneiros.

Quase conseguia lembrar-se deste lugar, se deixasse a sua memória recuar no tempo. Bastava que se atrevesse a reviver a época que tinha passado com Dacre no submundo, quando quase se permitiu afogar-se naquelas sombras solitárias, despertando na cama dele, ansiando pelo céu.

Ele tinha-a colocado numa gaiola dourada, mas ela tinha conseguido escapar-lhe.

Enva chegou à entrada do café. Já estava fechado, mas a verdade é que as fechaduras nunca tinham sido um impedimento. Entrou no edifício e observou tudo à sua volta. Sim, ela já ali



tinha estado, mas era um lugar muito diferente na altura. Tinha a estranha sensação de que, enquanto tudo à sua volta tinha mudado e evoluído como as estações, ela permanecera igual. Era a mesma de há séculos, proveniente de constelações muito antigas, onde reinava o vento e o frio.

Mas não estava ali para ser vítima do passado.

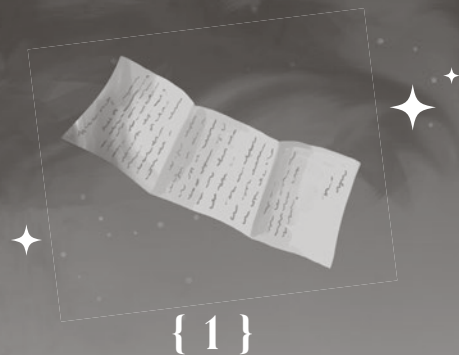
Enva afilou o olhar e deu um passo em frente, em busca da porta.





PARTE UM

A MAGIA AINDA
ACONTECE



{ 1 }

UM ENCONTRO SINISTRO

A primavera tinha finalmente tomado conta da cidade de Oath, mas nem mesmo o calor do sol conseguia derreter o gelo que se instalara nos ossos de Iris Winnow. Sabia que alguém estava a segui-la enquanto abria caminho pelo bulício da Broad Street, estugando o passo sobre os carris do elétrico e as pedras da calçada. Resistindo à tentação de olhar para trás, enfiou as mãos nos bolsos da gabardina e continuou a calcorrear a fileira de ervas daninhas que brotavam das fendas no passeio.

O casaco tinha apenas três dias e ainda cheirava à loja onde Iris o tinha comprado — um aroma a perfume de rosas, chá preto oferecido às clientes e sapatos de couro polido — e a verdade é que os dias já estavam a ficar demasiado quentes para precisar dele nas suas caminhadas de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Mas Iris descobriu que gostava de ter o casaco cingido ao corpo e atado à cintura, como se fosse uma armadura.

Estremeceu ao ziguezaguear por uma multidão reunida à porta de uma padaria, na esperança de que a pessoa que estava no



seu encalço a perdesse de vista no tumulto de gente que comprava os seus pães matinais. Ponderou se seria Forest a segui-la. A imagem fê-la sentir-se imediatamente melhor, mas depois profundamente pior. Ele já tinha feito algo semelhante, em Avalon Bluff. Tinha passado vários *dias* a observá-la, à espera do momento certo para aparecer, e ela ainda estremecia quando se lembrava disso.

Iris não aguentou mais. Olhou de relance por cima do ombro, com o vento a atirar-lhe algumas madeixas de cabelo para o rosto.

Não viu o irmão mais velho, mas a verdade é que ele já não era a pessoa afetuosa e risonha que tinha sido antes de se alistar na causa de Enva. Não, a guerra tinha deixado as suas marcas, tinha-o ensinado a manobrar nas trincheiras, a disparar uma arma e a esgueirar-se por entre os mortos para entrar em território inimigo. A guerra tinha-o deixado profundamente ferido. E se Forest estava a segui-la naquela manhã, isso significava que ainda duvidava dela.

Ainda acreditava que ela seria capaz de fugir, de o deixar a ele e a Oath para trás sem uma palavra de despedida.

Quero que confies em mim, Forest.

Iris engoliu em seco e apressou-se a seguir o seu caminho. Passou pelo edifício onde outrora trabalhara, as instalações do *Oath Gazette*, no quinto andar, o local onde conhecera Roman, a quem rotulara imediatamente de snobe arrogante de classe alta; o local onde as suas palavras tinham encontrado pela primeira vez um lugar no jornal, onde ela tinha descoberto a emoção do jornalismo.

Iris passou por aquelas pesadas portas de vidro, traçando com a ponta do dedo a aliança que usava no anelar. Virou numa rua secundária mais calma, à escuta, atenta ao som de passos atrás de si. Mas o barulho das campainhas dos elétricos e dos

vendedores ambulantes nas esquinas era demasiado alto e ela atreveu-se a tomar um atalho por um beco.

Era uma ruela estreita e irregular que a maioria dos veículos não percorreria sem raspar com o espelho retrovisor lateral. Uma via de paralelepípedos, onde ainda se sentia a magia ao passar por determinadas portas, ao olhar para o brilho das janelas ou ao atravessar uma sombra que nunca se desvanecia, por mais brilhante que fosse a luz do sol.

Iris estancou quando viu palavras pintadas a vermelho numa parede de tijolo branco.

O lugar dos deuses é nos seus túmulos.

Não era a primeira vez que se deparava com aquela frase. Na semana anterior, tinha-a visto pintada na parede de uma catedral e nas portas da biblioteca. As palavras estavam sempre a vermelho, brilhantes como sangue, e muitas vezes seguidas de um único nome: *Enva*.

Há semanas que ninguém via a deusa. Já não cantava para inspirar as pessoas a alistarem-se e a lutarem na guerra. Por vezes, Iris perguntava-se se Enva estaria sequer na cidade, apesar de haver quem afirmasse ter visto a deusa ocasionalmente. Quanto aos autores daquela frase sinistra que se lia por toda a cidade... Iris não fazia ideia de quem pudessem ser, mas parecia ser um grupo de pessoas em Oath que não queria nenhuma divindade viva em Cambria. Incluindo Dacre.

Com um arrepio, Iris seguiu caminho. Estava quase a chegar ao *Inkridden Tribune* quando se permitiu um último olhar para trás.

Havia de facto alguém mais ao fundo da rua. Mas, fosse quem fosse, virou-se e desapareceu num umbral sombrio, e Iris não conseguiu sequer distinguir a sua constituição, quanto mais os contornos do rosto.

Suspirou e esfregou a pele arrepiada dos braços. Tinha chegado ao seu destino e, se era Forest que a seguia, falaria com ele



mais tarde, quando regressasse ao apartamento. Era uma conversa que estava a fermentar há uma semana e que nenhum dos dois parecia ter pressa em começar.

Iris passou pela porta de madeira, indiferente ao matraquear das suas botas no chão de mosaicos pretos e brancos do átrio. Desceu a escadaria, sentindo a temperatura a mudar, sublinhada pelo ligeiro zumbido das lâmpadas por cima da sua cabeça. Mais uma razão para usar a gabardina durante todo o ano.

O *Inkridden Tribune* ficava na cave de um edifício antigo, onde parecia reinar um outono perene, com secretárias de carvalho cheias de papéis, um teto com canos de cobre à mostra, paredes de tijolo exposto que não protegiam das correntes de ar e onde a luz dos candeeiros de latão sobre as secretárias iluminavam o bruxulear do fumo dos cigarros e o brilho das teclas das máquinas de escrever. Era um sítio escuro, mas acolhedor, e Iris acomodou-se com uma expiração suave.

Attie já estava sentada à mesa que partilhavam, fitando distraída a sua máquina de escrever. As mãos castanhas e esguias seguravam uma chávena de chá, o cenho estava fechado, perdida que estava em pensamentos profundos.

Iris despiu a gabardina e deixou-a cair sobre as costas da cadeira. Ainda usava os botins com atacadores que lhe tinham sido entregues para usar na linha da frente, que eram muito mais fáceis de calçar do que os sapatos de salto alto que usara em tempos no *Gazette*. Os botins não combinavam com a saia axadrezada e a blusa branca que tinha escolhido, mas Helena Hammond não parecia importar-se com o visual desirmanado, desde que Iris escrevesse bons artigos para o jornal.

— Bom dia — cumprimentou Attie.

— Bom dia — replicou Iris, enquanto se sentava. — Hoje, o tempo está bom.



— O que significa que vai estar a chover quando sairmos — contrapôs Attie, antes de beber um gole de chá. Mas logo a seguir a sua voz suavizou-se e ela sussurrou. — Há novidades?

Iris sabia ao que Attie se estava a referir. Estava a perguntar por Roman. Se Iris tinha tido notícias do seu paradeiro e da sua situação.

— Não — respondeu, com um nó na garganta. Tinha enviado vários telegramas desde que voltara a Oath. Tiros no escuro para estações ferroviárias que ainda estavam operacionais, apesar da proximidade à frente de guerra.

ALERTA DE PESSOA DESAPARECIDA STOP ROMAN C KITT
STOP CABELO PRETO OLHOS AZUIS CORRESPONDENTE
DE GUERRA STOP VISTO PELA ÚLTIMA VEZ EM AVALON
BLUFF STOP CONTACTAR I WINNOW VIA CORREIOS DE
OATH STOP

Iris ainda não obtivera resposta, mas pensando bem, o que podia ela esperar? Havia inúmeros soldados e civis desaparecidos. Distraiu-se a preparar a máquina de escrever, que na verdade não era a *sua*, mas sim uma que o *Tribune* lhe emprestara. Era velha, tinha a barra de espaços gasta pelos inúmeros polegares que a tinham dedilhado e algumas teclas que ficavam presas e davam azo a gralhas. Ainda estava a tentar habituar-se a ela, com saudades da máquina mágica que a avó lhe tinha oferecido. A máquina de escrever que a tinha ligado a Roman. A Terceira Alouette.

Iris colocou uma nova folha de papel no rolo, mas pensou na sua máquina de escrever, perguntando-se onde estaria. Vira-a pela última vez no seu quarto na pensão de Marisol. E embora a casa tivesse sobrevivido milagrosamente ao bombardeamento, era impossível saber o que Dacre e as suas forças tinham feito à vila depois de a terem tomado. Talvez a Terceira Alouette



continuasse no seu antigo quarto, intocada e coberta de cinzas. Talvez um dos soldados de Dacre a tivesse roubado e estivesse agora a usá-la para escrever cartas nefastas, ou talvez a tivesse partido e espalhado os pedaços cintilantes pela rua.

— Estás bem, miúda? — A voz de Helena Hammond interrompeu-lhe os pensamentos, e Iris olhou para cima para ver a sua chefe de pé ao lado da secretária. — Estás um pouco pálida.

— Sim, estava só a... pensar — respondeu Iris com um ligeiro sorriso. — Desculpe.

— Não tens de pedir desculpa. Não queria interromper as tuas reflexões, mas tenho uma carta para ti. — Um sorriso quebrou o semblante fechado de Helena, que retirou um envelope amarrado do bolso das calças. — É de alguém de quem acho que vais gostar de ter notícias.

Iris arrancou a carta da mão de Helena, incapaz de esconder a sua ansiedade. Só podia ser uma notícia de Roman. O seu estômago contorceu-se de esperança e terror quando abriu o envelope. Começou por ficar surpreendida com a extensão da mensagem — demasiado longa para ser um telegrama — e exalou um suspiro trémulo quando começou a ler.

Querida Iris,

não tenho palavras para descrever o quanto fiquei (e ainda estou!) aliviada ao saber que regressaste em segurança a Oath! Tenho a certeza de que a Attie já te contou o que aconteceu em Avalon Bluff naquele dia horrível, mas esperámos por ti e pelo Roman no camião o mais que pudemos. Fiquei de coração partido quando fomos obrigados a retirar sem vocês os dois, e tudo o que podia fazer era rezar para que estivessem a salvo e para que fosse possível voltarmos a estar juntos.



A Helena escreveu-me a dar conta de que o Roman ainda não foi encontrado. Lamento imenso, minha querida amiga. Gostava de poder fazer alguma coisa para aliviar a preocupação que deves estar a sentir. Quero que saibas que serás sempre bem recebida em casa da minha irmã, em River Down. Estamos apenas a um dia de viagem de Oath, e temos aqui um quarto para ti e para a Attie, caso queiram visitar-nos.

Até lá, o meu coração está contigo. Tenho saudades tuas!

A tua amiga,
Marisol

Iris pestanejou, afastando as lágrimas, e guardou a carta no envelope. Tinham passado apenas duas semanas desde que Iris vira Marisol pela última vez. Duas semanas desde que tinham estado todos juntos na pensão. Duas semanas desde que ela se casara com Roman C. Kitt no jardim.

Uma quinzena não era muito tempo; Iris ainda tinha nódoas negras e crostas nos joelhos e nos braços, de quando rastejara por entre os escombros e as nuvens de gás. Ainda conseguia ouvir o estrondo das bombas a explodir, sentir o estremecimento da terra sob os seus pés. Ainda sentia a respiração de Roman no seu cabelo enquanto a abraçava, como se nada pudesse separá-los.

Duas semanas pareciam um suspiro de tempo — poderia ter sido ontem, vivas que estavam as feridas internas de Iris — e, no entanto, ali em Oath, rodeada de pessoas que faziam a sua vida normalmente, como se a guerra não estivesse a quilómetros de distância a oeste... Iris quase sentia que aqueles dias em Avalon Bluff tinham sido um sonho febril. Ou que tinham ocorrido há vários *anos*, e que a memória de Iris tinha



reconstituído aqueles momentos tantas vezes que tinham adquirido uma tonalidade sépia com o passar dos anos e o desgaste.

— Presumo que a Marisol esteja bem — interrompeu Helena.

Iris acenou com a cabeça, colocando o envelope debaixo de um livro sobre a secretária.

— Sim. Convidou-me a mim e à Attie para a visitarmos a ela e à irmã.

— Devíamos ir em breve — disse Attie.

Claro, pensou Iris. Attie já tinha estado em River Down. Tinha levado Marisol (e também uma gata chamada Lilás) até lá para cumprir a promessa que tinha feito a Keegan. E Keegan, capitã das forças de Enva, era outra pessoa com quem Iris estava preocupada. Não sabia se a mulher de Marisol tinha sobrevivido à batalha de Avalon Bluff.

Iris estava prestes a responder quando um silêncio se instalou na redação. Um dos candeeiros piscou, como se estivesse a dar um aviso, e o matraquear das teclas das máquinas de escrever desvaneceu-se até parecer que o coração do *Tribune* tinha parado de bater, suspenso em silêncio. Helena franziu o sobrolho e virou-se para a porta, e Iris seguiu o seu olhar, fixando-se no homem que perfilado sob o lintel de tijolo.

Era alto e magro, e vestia um fato de três peças azul-escuro com um lenço vermelho enfiado no bolso do peito. Era difícil adivinhar a sua idade, mas o rosto pálido estava sulcado pelas rugas. Um bigode adornava a parte superior dos lábios franzidos e os seus olhos miúdos brilhavam como obsidianas à luz ténue. Por baixo do chapéu de coco, o cabelo grisalho estava penteado para trás com pomada.

A princípio, Iris não o reconheceu. Perguntou-se se teria sido ele a segui-la naquela manhã, até que reparou nos dois seguranças atrás dele no corredor, com os braços corpulentos atrás das costas.



— Chanceler Verlice — disse Helena num tom cauteloso. — O que o traz ao *Inkridden Tribune*?

— Um assunto privado — respondeu o chanceler. — Posso dar-lhe uma palavrinha?

— Sim. Por aqui. — Helena passou por entre as secretárias até ao seu gabinete.

Iris ficou a ver o chanceler a segui-la, com os olhos a varrerem os editores e colunistas por onde passava. Quase parecia que olhava *através* deles, ou talvez procurasse *alguém*, e o coração de Iris vacilou quando os seus olhares se cruzaram em extremos opostos da sala.

Os seus olhos inescrutáveis mantiveram-se fixos nos dela por um longo instante antes de se desviarem para olhar para Attie. Por essa altura, ele já tinha chegado ao gabinete de Helena e não teve alternativa senão baixar o olhar ao passar pela soleira da porta. Helena fechou a porta atrás dele; os dois seguranças ficaram de sentinela no corredor, impedindo qualquer pessoa de entrar ou sair.

Lentamente, o *Inkridden Tribune* retomou o seu zumbido de atividade. Os editores voltaram a editar as pilhas de papel com as suas canetas de tinta vermelha, os colunistas retomaram a datilografia, os assistentes correram da bancada de chá e do telefone, levando chávenas fumegantes e mensagens rabiscadas para as várias secretárias.

— O que achas que se passa? — sussurrou Attie, inclinando a cabeça para a porta do gabinete de Helena. Iris afastou um arrepio. Vestiu a gabardina, apertando-a bem na cintura.

— Não sei — sussurrou. — Mas não pode ser nada de bom.

Dez minutos depois, a porta do gabinete abriu-se.

Iris não tirou os olhos do papel e das palavras que estava a datilografar, entrando no ritmo da máquina de escrever, mas distinguia o chanceler pelo canto do olho. O homem demorou-se



a percorrer a sala e ela voltou a sentir o seu olhar, como se estivesse a avaliá-las, a ela e a Attie.

Iris cerrou os dentes, inclinando o queixo para baixo para que o cabelo caísse em cascata à volta do rosto, interpondo-se entre ela e o olhar do chanceler como um escudo.

Deu graças quando Verlice e os seus dois seguranças desappareceram no cimo das escadas, mas a nuvem pungente do seu perfume permaneceu como um nevoeiro. Iris estava prestes a levantar-se e a servir-se de uma chávena de chá, para lavar o mau travo que tinha na boca, quando viu Helena acenar-lhe.

— Iris, Attie. Preciso de falar convosco.

Attie parou de escrever, levantando-se sem dizer uma palavra, como se estivesse à espera daquele chamado. Mas ao vê-la morder o lábio Iris percebeu que a amiga estava tão ansiosa como ela. O motivo da visita do chanceler devia estar relacionado com elas. Iris seguiu Attie até ao gabinete de Helena.

— Sentem-se, as duas — disse Helena enquanto se instalava atrás da secretária.

Iris fechou a porta e sentou-se num sofá de couro gasto, mesmo à esquerda de Attie. Resistiu à vontade de estalar os dedos, enquanto esperava que Helena quebrasse o silêncio.

— Sabem porque é que o chanceler nos visitou? — disse Helena finalmente, num tom de voz estranhamente calmo e frio. Como a água debaixo de uma camada de gelo.

Attie olhou de relance para Iris. Ela tinha chegado à mesma conclusão. Iris via-o nos seus olhos. O aborrecimento, a preocupação, o fulgor da raiva.

— Ele não gostou dos nossos artigos — constatou Iris. — Os que acabou de publicar sobre as evacuações de Clover Hill e Avalon Bluff depois de serem bombardeadas e gaseadas.

Helena pegou num cigarro e depois suspirou, atirando-o para uma pilha de papéis.

— Não, não gostou. Eu sabia que ele não ia gostar, mas publiquei-os na mesma.

— Bem, ele não tem de *gostar*, pois não? — disse Attie, levantando uma mão em sinal de frustração. — Porque eu e a Iris escrevemos a verdade.

— Ele não vê as coisas dessa maneira. — O cabelo ruivo de Helena pendia-lhe sobre a testa. Tinha manchas roxas ténues por baixo dos olhos, como se não tivesse dormido. As suas sardas contrastavam com a pele pálida, assim como a cicatriz no rosto.

— Como é que vê, então? — quis saber Iris, enquanto rodava a aliança no dedo.

— Ele vê os artigos como propaganda e disseminação de medo. Acha que estou a tentar aumentar as minhas vendas com este tipo de manchetes.

— Isso é um disparate! — gritou Attie. — Eu e a Iris fomos *testemunhas oculares* do ataque. Estamos a fazer o nosso trabalho de repórteres. Se o chanceler tem algum problema com isso, então é obviamente um simpatizante de Dacre.

— Eu sei — disse Helena, calmamente. — Acredita, miúda. Eu sei. Vocês escreveram a verdade. Escreveram o que viveram, de forma corajosa e honesta, como vos incumbi. E sim, o chanceler parece ser um brinquedo de Dacre, disposto a dançar à ordem do deus. O que me leva ao meu próximo ponto: o Verlice acha que estou a tentar criar problemas ao fomentar o pânico e a ira junto das pessoas. Culpa-nos pelo mais recente ato de vandalismo: alguém escreveu «o lugar dos deuses é nos seus túmulos» na entrada da sua casa, em letras garrafais, hoje de manhã.

Iris fletiu a mão. Lembrou-se de ter visto aquele slogan destemido no seu passeio matinal.

— As pessoas podem ter as suas próprias opiniões e crenças sobre a divindade, quer as venerem ou não. Não podemos controlar isso.



— Foi o que eu disse ao Verlice — disse Helena. — Mas ele discorda.

— Que consequências tem isso para nós? Quer que deixemos de escrever sobre a guerra? Devemos agir como se os deuses não existissem?

— Claro que não — respondeu Helena com um resfolegar. Mas a prosápia esmoreceu quando continuou. — Não vos quero pedir isto, porque já passaram por coisas que nenhum de nós consegue imaginar. E acabaram de regressar. Mas se Dacre está a avançar em força para leste, como vocês viram em Bluff... as pessoas têm de ser alertadas, sobretudo se o nosso chanceler está em conluio com ele. Temos de saber quanto tempo temos antes de o deus chegar a Oath, e o que podemos fazer para nos prepararmos para essa eventualidade.

O coração de Iris disparou. Sentia-se vazia desde que regressara a Oath. Dormia, mas não sonhava. Comia, mas não sentia o sabor. Escrevia três frases e apagava duas, como se não soubesse como avançar.

— Precisa que regressemos à frente de batalha — constatou, sem fôlego.

Helena franziu o sobrolho.

— Sim, Iris. Mas não será como dantes, porque a Marisol já não está em Avalon Bluff.

— Então, como? — perguntou Attie.

— Ainda estou a ultimar os pormenores, mas não posso adiantar nada. — Helena passou uma mão pelo cabelo, deixando-o mais mole e despenteado do que antes. — E não quero que respondam já. Na verdade, quero que tirem o resto do dia de folga. Quero que *pensem* bem nisto e no que significa para vocês, e não que me deem apenas a resposta que acham que *quero* ouvir. Entendido?

Iris acenou com a cabeça, e os seus pensamentos desviaram-se imediatamente para Forest. O irmão não ia querer que ela



partisse. O medo subiu-lhe à garganta quando se imaginou a dar-lhe a notícia. Olhou de relance para Attie, sem saber o que a amiga iria fazer.

Porque a verdade é que Attie tinha cinco irmãos mais novos e pais que a adoravam. Tinha-se matriculado em cursos de pres-tígio na Universidade de Oath. Tinha muitos laços que a man-tinham presa aqui, enquanto Iris só tinha um. Mas Attie era também uma instrumentista que mantinha o seu violino escondido na cave, desafiando a lei do chanceler que obrigava a entregar todos os instrumentos de corda. Era a jovem que tinha presenteado o seu antigo professor — o mesmo que vaticinara que ela nunca teria uma carreira como jornalista — com uma assinatura do *Inkridden Tribune*.

Attie não era pessoa para deixar que gente como o chanceler Verlice ou professores de vistas curtas ficassem por cima.

E Iris depressa percebeu que ela própria também não.



Quando Iris chegou ao parque ribeirinho, o céu estava coberto de nuvens negras. Tinha-se separado de Attie num café da esquina onde tinham tomado um pequeno-almoço tardio juntas antes de seguirem o conselho de Helena. Attie queria voltar a passear pelo pátio da universidade antes de regressar à casa dos pais, e Iris queria visitar o parque que ela e Forest tinham frequentado quando eram mais novos.

Iris parou numa rocha coberta de musgo, com o estojo da máquina de escrever a pesar-lhe numa mão. Olhou para os rápidos pouco profundos.

Salgueiros e bétulas cresciam tortos ao longo das margens sinuosas, e o ar tinha um sabor húmido e doce. Era estranho como aquele local parecia distante da cidade, como as campainhas dos elétricos, o ruído dos veículos e as muitas vozes pareciam desvanecer-se à distância. Por instantes, Iris imaginou que



estava a quilómetros de Oath, numa zona rural idílica, e ajoelhou-se para apanhar alguns seixos, arrepiando-se ao choque gelado da água nos dedos.

Anos antes, Forest tinha encontrado um caracol entre os seixos e tinha-o oferecido a Iris. Chamou-lhe *Morgie* e levou-o orgulhosamente para casa como animal de estimação.

Sorriu, mas a recordação era nítida, cortando-lhe os pulmões como vidro.

Se me vires muitas vezes, vais acabar por te cansar das minhas histórias tristes sobre caracóis, escreveu ela uma vez a Roman.

Impossível, respondeu ele.

Iris deixou que as pedras lhe caíssem das mãos para dentro de água. Os trovões ribombaram no céu e o vento agitou os ramos das árvores. As primeiras gotas de chuva caíram sobre os ombros de Iris, escorrendo pela sua gabardina como lágrimas.

Começou a caminhar rapidamente para casa, com a chuva a cair a sério. O cabelo estava encharcado quando chegou ao seu apartamento. Felizmente, o estojo da máquina de escrever era impermeável. Normalmente, não levava a máquina para casa à noite, depois do trabalho, mas tinha percebido que não gostava de estar sem ele. Não fosse a inspiração sorrir-lhe à meia-noite.

Iris subiu apressadamente a escada exterior para o segundo andar, com as botas a bater nos degraus de aço, mas parou abruptamente quando viu que a porta do seu apartamento estava entreaberta. Quando saíra naquela manhã, Forest ainda estava em casa, sentado no sofá a engraxar o seu velho par de sapatos. Parecia relutante em sair do apartamento, e Iris imaginou que ele estaria com receio de ser reconhecido e acusado de ter abandonado o seu posto. Era muito mais complicado do que isso, mas a maioria das pessoas em Oath não fazia ideia do que realmente se passava na frente de batalha.



— Forest? — chamou, aproximando-se da porta. Abriu-a mais ainda, ouvindo-a ranger nas dobradiças. — Forest, és tu?

Não houve resposta, mas Iris conseguia ver a luz do candeeiro, quente e enevoadada, no interior. Havia alguém dentro da sua casa, e ela sentiu um arrepio pelas costas.

— Forest? — chamou novamente, mas não houve resposta. Apenas um fio de fumo pungente e o som de alguém a mexer-se.

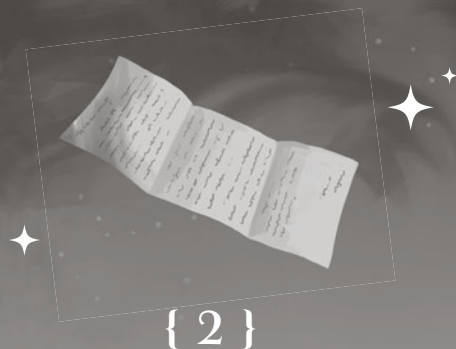
Iris cruzou a soleira da porta.

Um homem alto, de alguma idade, com um casaco de pele e um fato escuro, estava na sala de estar, a alguns passos de distância. Era um homem que nunca tinha visto, mas Iris soube quem era assim que os seus olhares se cruzaram, e o arrepio espalhou-se por todo o seu corpo, gelando-lhe o sangue.

Ele deu uma última baforada no charuto como se estivesse a preparar-se para uma luta, com o tabaco enrolado a fumar enquanto o tirava da boca.

— Olá, Miss Winnow — saudou o homem, numa voz cava. — Onde está o meu filho?





PALAVRAS QUE ENFEITIÇAM

Não era assim que Iris tinha imaginado conhecer o pai de Roman.

Na verdade, era a *última* coisa que ela esperava. Não devia acontecer no seu pequeno e triste apartamento, com o papel de parede manchado, a mobília desgastada e o chão sujo. Um lembrete claro de que Iris pertencia à classe trabalhadora, ao contrário dos Kitt. Não devia acontecer com ela desgrenhada e encharcada pela chuva, com o coração partido e sozinha.

Não, na sua mente, ela ter-se-ia aperaltado, apresentar-se-ia de cabelo encaracolado e preso com ganchos de pérolas, e os dedos entrelaçados com os de Roman. Seria na extensa propriedade dos Kitt, no extremo norte da cidade, talvez ao ar livre, nos jardins banhados pelo sol, e a astuta avó de Roman e a sua mãe bondosa estariam a servir chá e sandes cortadas em triângulos.

Era um balde de água fria perceber que raramente sonhos como aquele se alinhavam com a realidade. A cena que Iris tinha



imaginado era impossível. Mas ela manteve uma postura rígida, recusando-se a deixar que o seu olhar se desviasse primeiro.

— Olá, Mr. Kitt — respondeu ao cumprimento. — Não estava à sua espera.

— Perdoe-me por ter aparecido sem avisar — desculpou-se ele, embora fosse óbvio que não lamentava minimamente. — Como já deve saber, o meu filho não tem por hábito informar-me do seu paradeiro e preciso que ele volte para casa.

Casa.

A palavra atingiu-a como um dardo, e Iris fez um compasso de espera para respirar, pousar o estojo da máquina de escrever e despir a gabardina, colocando-a nas costas da cadeira mais próxima. Graças aos deuses, a eletricidade estava de novo ligada e Forest tinha-se ocupado da limpeza do apartamento desde o seu regresso. Já não havia garrafas de vinho por toda a parte. As teias de aranha tinham sido limpas e o chão varrido. Havia comida na cozinha e água corrente na casa de banho, embora a casa ainda parecesse estranha sem a mãe.

Iris afastou esses pensamentos. Tinha um dilema em mãos, um dilema para o qual não estava preparada. Não sabia o que dizer a Mr. Kitt em relação a Roman, ou o quanto ele já sabia. Não sabia o que podia dizer e o que deveria esconder.

Tentou pensar na vontade de Roman, mas sentiu um espasmo de dor no peito.

— Aceita uma chávena de chá, Mr. Kitt? — perguntou.

— Não. Não ouviu a minha pergunta, rapariga?

— Claro que ouvi. Não sabe onde está o seu filho, mas pensa que eu sei.

Mr. Kitt ficou calado durante vários segundos de tensão. Olhou para ela, e Iris obrigou-se a manter o olhar fixo. Não lhe daria poder aqui; não se encolheria nem desviaria o olhar como se fosse dele a vantagem.



As semelhanças entre Roman e o pai eram notórias. Eram ambos altos, com ombros largos, cabelo preto espesso e olhos azuis como centáureas. Tinham maxilares bem definidos, maçãs do rosto esculpidas e uma pele propensa a corar. Iris conseguia perceber sempre que Roman estava encavacado, desconfortável ou zangado, porque o rosto dele ficava inapelavelmente vermelho. Lembrou-se de como achava isso cativante. No caso de Mr. Kitt, as bochechas pareciam coradas devido a anos de fumo e bebida.

Deu mais uma passa no charuto e deixou o fumo rodopiar. Talvez não gostasse da forma como ela o escrutinava, ou talvez não esperasse que ela fosse tão teimosa. Iris não se importou com isso, mas não pôde deixar de retesar os músculos quando Mr. Kitt pegou no casaco.

— Ao princípio, não percebi — começou ele, e a tensão diminuiu quando Iris percebeu que estava apenas a tirar um jornal dobrado de dentro do casaco. Em seguida, atirou-o para o chão entre eles, e Iris viu que era um exemplar do *Inkridden Tribune*. Leu a manchete da primeira página e o seu coração palpitou com a familiaridade, como se tivesse acabado de ver o reflexo do seu rosto num espelho.

DACRE BOMBARDEIA AVALON BLUFF, GASEIA
CIDADÃOS E SOLDADOS NAS RUAS

por INKRIDDEN IRIS

— Ao princípio, não compreendi — repetiu Mr. Kitt — porque é que o meu filho desistiria de tudo para ir trabalhar para um pasquim sensacionalista na frente de guerra. Porque abdicaria do seu cargo no *Oath Gazette*. Porque poria fim ao seu noivado com uma jovem bonita e inteligente. Porque me desobedeceria



e despedaçaria o coração da sua mãe pela segunda vez. Era algo insondável, até que li o seu primeiro artigo no *Tribune*, e então tudo fez sentido.

Iris não se mexeu, não respirou. A sua coragem esmoreceu quando sentiu que Mr. Kitt lhe estava a preparar uma armadilha bem montada, e ficou com a boca seca enquanto esperava que ele desenvolvesse o raciocínio.

Ele sorriu para o jornal, para o cabeçalho que era dela. Para as palavras que ela tinha escrito. O horror que ela tinha vivido e do qual escapara por um triz. Mas quando o olhar de Mr. Kitt voltou a cruzar-se com o seu, ela viu a fúria e o ressentimento nos seus olhos.

— Sabe, Miss Winnow... o Roman sempre foi atraído por histórias e palavras. Desde miúdo, quando entrava à socapa na minha biblioteca para roubar livros das prateleiras. Foi por isso que a minha sogra lhe deu uma máquina de escrever quando fez 10 anos, porque ele sonhava em ser «romancista». Em escrever algo que fosse importante para os outros. Foi por isso que ingressou num curso universitário onde mais não fazia do que analisar os pensamentos dos outros e tentar escrever os seus próprios.

Iris sentiu o calor a subir-lhe à pele.

— O que está a tentar dizer-me, Mr. Kitt?

— Estou a dizer que as suas palavras o enfeitiçaram. E preciso que o liberte do seu jugo.

Ela teve de abafar a explosão de riso que lhe queria escapar dos lábios. Porque quando o silêncio se fez sentir na sala, ela viu que Mr. Kitt estava a falar muito a sério.

— Se as minhas palavras enfeitiçaram o seu filho, então saiba que as dele tiveram o mesmo efeito em mim — disse-lhe, voltando a tocar na aliança como por reflexo.

As recordações surgiram, ameaçando afogá-la.

Iris tinha-as revivido centenas de vezes, como se estivessem fundeadas na aliança. O momento em que Roman a colocara no

seu dedo. Como as estrelas tinham começado a refulgir no céu, as flores a adoçar o crepúsculo ao redor de ambos. Como ele lhe sorriu por entre as lágrimas. Como havia sussurrado o nome dela no escuro.

O seu movimento inquieto chamou a atenção de Mr. Kitt para a sua mão. Iris viu-o reparar no brilho da aliança. Uma expressão terrível ensombrou-lhe o rosto. Uma expressão que fez a respiração congelar no seu peito.

— Compreendo. — Foi tudo o que ele disse, mas as palavras saíram arrastadas, deliberadas. Ele pigarreou. — Com que então está grávida.

Iris sobressaltou-se como se ele lhe tivesse dado uma bofetada.

— *O quê?*

— Porque não vejo outra razão para o meu filho se ligar legalmente a uma rapariga como você, uma rapariga sardenta e de baixo nível que só quer ficar-lhe com a herança. Claro que o Roman tem a sua honra, embora muitas vezes se esqueça dela...

— Seguiu-me até ao jornal hoje de manhã — interrompeu Iris, começando a enumerar as ofensas dele com os dedos da mão esquerda, só para que ele pudesse continuar a ver o brilho da aliança. — Entrou no meu apartamento. Sem dúvida que revistou todos os meus objetos pessoais. E agora insulta-me de tal forma que não me resta mais nada para lhe dizer. — Fez sinal para a porta da rua, que continuava aberta, com a chuva a cair forte e fria para lá da soleira. — *Saia* antes que eu chame as autoridades para o escoltarem daqui para fora.

Mr. Kitt riu-se, mas as palavras dela devem ter tido algum peso, porque começou a dirigir-se para a porta. Pisou o jornal, sujando a manchete de Iris, e ela foi obrigada a reprimir o chorri-lho de impropérios que lhe assomaram aos lábios.

Mas ele parou ao seu lado e voltou a estudá-la, com os seus olhos azuis e ensanguentados. O fumo transparecia no seu hálito.



Há instantes, Iris tinha visto as semelhanças físicas entre Roman e o pai. Mas ao olhar para ele agora, sentiu um enorme alívio ao reconhecer que Roman Carver Kitt não era nada parecido com o seu progenitor.

— Ele não pode esconder-se atrás das suas saias por muito mais tempo, Miss Winnow — declarou, como se se recusasse a reconhecê-la como uma Kitt. — Quando o vir esta noite, diga-lhe que preciso de falar com ele. Que eu e a mãe queremos que ele volte para casa. Que lhe perdoe pelo que fez.

Iris tinha dois segundos para decidir as suas palavras de despedida. Dois segundos, e embora quisesse manter Mr. Kitt completamente na ignorância, também sabia que aquele homem era poderoso e que seria capaz de tudo para ter Roman em casa.

— Ele não está aqui — atirou.

— Onde é que ele está?

— Não está em Oath.

O homem arqueou uma sobrancelha, mas as palavras implícitas de Iris pareceram atingi-lo.

— Estranho amor esse que sente pelo meu filho, Miss Winnow. Para o deixar para trás em Avalon Bluff enquanto se punha a salvo.

Passou por ela e saiu finalmente do apartamento.

Iris, pálida e a tremer, ficou a vê-lo até ele se dissolver na tempestade, enquanto se sentia sufocar com o fumo do perfume e do charuto. As lágrimas ardiam-lhe nos olhos. Lágrimas, raiva e remorsos que sentiu como uma faca a cortar-lhe a carne até aos ossos.

Esperou até ter fechado e trancado a porta para se ajoelhar lentamente no chão.



ROMAN E IRIS ARRISCAM
O AMOR QUE OS UNE E ATÉ
A PRÓPRIA VIDA PARA PÔR FIM
A UMA GUERRA DIVINA.

Dois corações.
Duas viagens.
Duas escolhas.
Um destino.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[@secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN 9789897877650



9 789897 877650 >

